

4 Considerações finais

Meu objetivo nesse trabalho foi buscar as representações do jovem na Literatura e na Indústria Cultural. Esse recorte foi motivado em função do meu envolvimento profissional com jovens como professor de Literatura, há dez anos, o que me levou à necessidade de entender o que estaria determinando sua exposição à chamada crise da leitura, normalmente atribuída ao “sinal dos tempos”, como se não gostar de ler fosse uma característica natural aos jovens que vivem, contemporaneamente, sob o impacto da mídia e da cultura do consumo. Essa naturalização tanto da crise da leitura, quanto da própria juventude me incomodava, soando-me como uma construção a priori que precisava ser colocada em xeque.

Em princípio, cheguei a pensar em realizar um estudo de campo em que os próprios jovens pudessem expressar-se acerca de sua relação com a leitura e a Literatura. No entanto, a oportunidade de entrar em contato, no Mestrado, com as tensões que se colocam hoje entre Arte e Indústria Cultural, acabaram pesando na minha decisão de também questionar meu próprio perfil de professor de Literatura, calcado em pressupostos, construídos ao longo de minha formação, que tendiam a enobrecer a Literatura e “demonizavam” a Indústria Cultural. O contato com autores que relativizam o caráter redutor dessa contradição levaram-me a uma indagação primordial: não seria essa visão parcial da Indústria Cultural, que contribui, muitas vezes, para que a escola se distancie das experiências culturais juvenis contemporâneas, responsável por afastar o jovem das leituras que a cultura escolar valoriza e impõe?

Diante disso, tendo em vista colocar em foco a tensão entre Arte e Indústria Cultural, optei por investir em conhecer melhor o jovem, buscando suas representações nas crônicas de Zuenir Ventura e na revista **MTV**. Tratou-se, com isso, de procurar encontrar nessas representações subsídios para pensar alternativas que favoreçam o encontro da cultura escolar com as culturas juvenis, inclusive no que se refere à promoção da leitura.

Antes de trazer as conclusões a que a análise dos dados, realizada no capítulo III, me permitiu chegar, gostaria de enfatizar que o fato de as matrizes

teóricas, apresentadas no capítulo II, e de a revisão de literatura sobre o jovem, presente no capítulo I, não terem sido trazidas para o capítulo das análises não significa que elas não tenham sido incorporadas a essas análises. Na realidade, os dados extraídos dos veículos só puderam se transformar em dados em função dessas diferentes contribuições teóricas. Com relação às idéias de Néstor García Canclini e Umberto Eco, relativamente novas para mim, elas funcionaram como sinalizadores da necessidade de que eu não me deixasse apenas subsidiar, nas análises, pela crítica, já minha conhecida, que Adorno e Horkheimer fazem da Indústria Cultural. Tais leituras me levaram ao cuidado de não mergulhar nos veículos, atribuindo, de antemão, à Indústria Cultural todos os males do presente, nem tampouco idealizando a Literatura como veículo exclusivo da reflexão crítica. Da mesma maneira, a revisão de literatura sobre o jovem influenciou a interpretação dos dados. Mesmo correndo o risco de ser questionado por não ter construído, no capítulo III, uma relação mais visível dos dados com a teoria, optei por não preencher esse capítulo com citações, deixando que Zuenir Ventura, que os jornalistas e articulistas da **MTV** e que os próprios jovens que eles trazem falassem.

Com relação às conclusões provisórias a que este estudo me permitiu chegar, as análises das representações da juventude trazidas pelos dois veículos, reforçam a noção de que as afirmações categóricas sobre qualquer grupo social e, em especial, sobre os jovens podem conter equívocos. Mais importante do que olhar para o jovem esperando que ele seja crítico ou alienado, avaliando-o por gostar da arte culta ou da cultura pop, é reconhecer que ele pode ser isso e aquilo, que pode gostar disso e daquilo. Canclini (2000), falando sobre a questão do gosto, mostra que a heterogeneidade e a hibridação que marcam, hoje, a construção da identidade do sujeito, não permitem mais que os diversos matizes dos gostos dos sujeitos sejam encapsulados numa divisão que coloca de um lado a preferência pela arte culta e, de outro a preferência pelo entretenimento.

De certo modo, foi para isso que as análises apontaram. Numa primeira aproximação com os dados fiquei tentado a interpretar que a crônica, até pelo compromisso que o autor escolhido sustenta de promover a relação entre arte, cultura e cidadania, era dos dois veículos o que mais desnaturalizava a concepção do que é ser jovem na chamada pós-modernidade. Já a revista **MTV**, até devido ao caráter reificador de sua origem me parecia restringir-se apenas a reforçar essa

visão estereotipada do jovem, tratando-o como alienado do ponto de vista social, cultural e político. Entretanto, a retomada mais atenta da leitura da revista, acabou me mostrando que, mesmo comprometida com o ideário da sociedade de consumo a publicação, através dos depoimentos dos jovens presentes em algumas reportagens, conseguiu transcender aquela visão revelando, por exemplo, uma juventude mais livre e consciente para exercer sua sexualidade, como se verificou no tópico “Jovens e Sexualidade”, ou, ainda, no tópico “Jovens e Diversão”, em que o cinema foi apresentado como uma forma de entretenimento que também pode estar a serviço da crítica e da reflexão.

A Literatura, por sua vez ao se ocupar dos jovens, o faz de maneira densa, mas sem ser moralista ou sisuda. Até mesmo quando efetua críticas sobre o comportamento juvenil, procura ressaltar, por exemplo, que os atos de violência de grupos jovens não conseguem dar conta de toda uma geração, mas que alcançam e abarcam uma parcela dela, como pôde ser observado na crônica “Ninguém Está a Salvo”, presente no tópico “Juventude e Violência”, ou ainda na abordagem sensível e firme sobre o desencanto, que pode levar à apatia ou à mudança, conforme se evidenciou na crônica “Sebastian, Sebastião”.

Como se vê, tanto a Literatura, como a Indústria Cultural – como elementos que auxiliam na construção do mosaico de conhecimentos na contemporaneidade – trazem contribuições relevantes para se questionar as formulações que identificam o jovem como sujeito a-histórico. Como ressaltam Jobim e Souza et al (2000), a vantagem do mosaico é que “nele, a verdade se mostra como uma construção sempre provisória. Singular e nunca única. Filha do movimento do pensamento e da história, a verdade se desenha no mosaico, resguardando-se como promessa de outras configurações” (p. 201).

Assim, embora esse estudo tenha me levado a interpretar que a representação da juventude na Literatura se aproxima mais de uma visão comprometida com a concepção do jovem como sujeito histórico, consumidor, mas também produtor de linguagem e cultura, por outro lado não me escapou que a Indústria Cultural, além de em momentos mais raros também expressar essa concepção, oferece, numa outra configuração do mosaico, outras facetas da juventude que, no meu entender, não estão proibidas de conviver com a face crítica. Pois, assim como o poeta afirmava buscando expressar sua multiplicidade: “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinqüenta,/ Mas um dia afinal

toparei comigo” (ANDRADE, 1987, p.211), os jovens também precisam ser valorizados e respeitados na multiplicidade dos seus modos de ser, sendo essa, ao que parece, uma das alternativas para promover o tão importante encontro entre culturas juvenis e a cultura escolar, à qual está implícita o necessário encontro das gerações.

No que se refere ao desencanto do jovem que emergiu, por exemplo, das crônicas “A Melhor Lição Vem da Derrota” e “Sebastian, Sebastião” ele possibilita estabelecer um diálogo com a geração dos jovens românticos do século XIX, assim definida: “Desgarrada de qualquer projeto histórico e perdida [...] exibem fundos traços de defesa e evasão, que os levam a posturas regressivas: no plano da relação com o mundo e no das relações com o próprio eu” (BOSI, 1970, p. 101). De certo modo, me pareceu que a geração contemporânea guarda semelhanças com a que a precedeu de um século, apresentando-se como uma geração profundamente marcada pela subjetividade, manifestada através da cisão expressa pelo desencanto, pela crítica, pelos desejos pessoais e pelas difusas causas coletivas, que apontam para uma existência dilacerada, próxima daquela experimentada pelos jovens românticos atormentados pelas solitudes de seu tempo.

Ao entrecruzar a trajetória de gerações jovens, separadas cronológica e historicamente, toma relevo a idéia de que o jovem do fim do século XX, início do século XXI, pode estar se revelando como a materialização do futuro da juventude do século XIX – guardadas as devidas proporções – atualizada pelas matrizes do tempo presente, como pode se inferir nos versos da certa canção:

“Eram os outros românticos, no escuro/
Cultuavam outra Idade Média situada no futuro/
Não no passado/
Sendo incapazes de acompanhar/
As mil teorias da economia/
Recitadas na televisão/
E os trinta milhões de meninos abandonados do Brasil/
Com seus peitos crescendo, seus paus crescendo/
E seus primeiros mênstruos/
Compunham as visões de seus vitrais/
E seus apocalipses mais totais/
E suas utopias radicais.”¹

¹ VELOSO, C. “Os Outros Românticos” In. **O Estrangeiro**. São Paulo, PolyGran, 1989.

Ao traçar um paralelo entre as gerações, não foi minha intenção defender a idéia de um eterno retorno. Muito pelo contrário, ao perceber que o encontro dessas gerações – que tem como elemento de aproximação o desencanto – revela a presença do “novo que é sempre igual” de que fala Walter Benjamin (1985), o que pretendi foi refletir sobre o fato de que corrigir os erros que nossa geração de adultos impõe aos jovens de hoje, “escovando a história a contrapelo” (idem) pode ser uma forma de livrar os jovens de amanhã do desencanto que apenas, aparentemente, parece integrar a cultura juvenil.

Ao finalizar – mesmo com a certeza do inacabamento deste texto – , permanece a convicção da existência de uma necessidade premente de que, tanto a escola como os demais atores envolvidos com ela, precisam insistir no trabalho da formação de leitores críticos de si e do mundo. Entretanto, o grande desafio do presente é o de edificar uma agenda de trabalho que favoreça o encontro das políticas educacionais com as práticas do universo juvenil, sem que uma se sobreponha à outra, antes se interpenetrem através do processo de hibridação que ocorre como fruto das confluências culturais capazes de se tocarem sem se destruírem (Canclini, 2000) e, que, ainda podem conseguir preservar o que cada uma tem de particular dentro da esfera universal.

Partindo da tentativa de aproximar minha vivência docente – que vem se desenvolvendo há dez anos – com a experiência de pesquisador iniciante, surge a convicção de que escola e juventude precisam olhar menos para os elementos que as afastam e desejarem mais o que pode lhes aproximar ou reaproximar. Não existe palavra mágica, teoria inovadora ou prática fácil, o que há são as incertezas do caminho, que podem e precisam ser superadas através do encontro daqueles que estão – muitas das vezes – distantes ou separados pelas dúvidas, desconfianças, medos, intolerâncias, vaidades e toda sorte de entulho que nos fazem menos humanos.

Como os modelos pré-definidos ou fabricados em série têm se mostrado ineficazes no campo da Educação, sugiro, e tão somente sugiro, que se insista em aproximar os jovens das crônicas, pois estas podem funcionar como uma ótima mediadora entre este grupo social e a leitura, uma vez que “ por meio dos assuntos, [...] do ar de coisa sem necessidade [...] ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CANDIDO, 1992, 13.).

Da mesma maneira, sugiro, caso desejemos uma educação agregadora e que nos humanize a cada dia, que construamos uma escola que encare de frente o desafio da aproximação com os diversos meios disponíveis na contemporaneidade, levando em consideração que tais meios poderão se constituir como mediações ou pontes para a construção de um projeto educacional transformador.